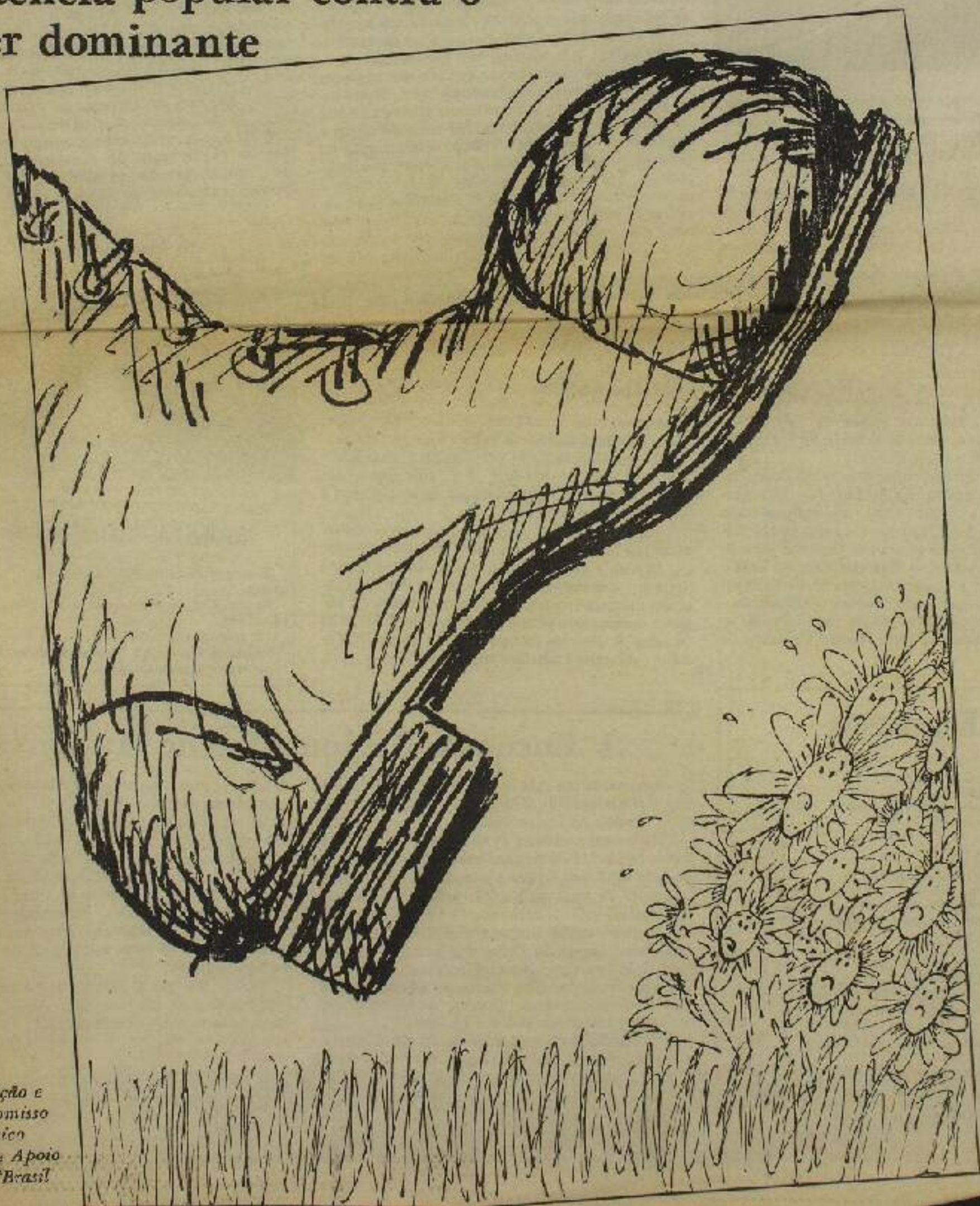


JUSTIÇA E NÃO-VIOLÊNCIA



Ano VIII - Boletim nº 09 - 1989 - Editado pelo setor de divulgação do SERPAJ - Brasil

**SERPAJ - Brasil: um reforço aos mecanismos de
resistência popular contra o
poder dominante**



Educação e
compromisso
político
Linha de Apoio
SerpaJ/Brasil

Intercâmbio São Leopoldo - Recife: Uma experiência Válida



Somos participantes do grupo de Justiça e Não-Violência em São Leopoldo. Como sabemos da possibilidade de intercâmbio entre os grupos justiça e não-violência, tivemos a oportunidade de fazer um intercâmbio em Recife.

Nosso objetivo era conhecer a realidade Pernambucana e se inserir por um tempo limitado nas atividades do grupo (Justiça e Não-Violência do Recife).

Tivemos a oportunidade de entrar em contato

com a casa Frei Francisco, fundada por Dom Helder Câmara. Nela havia em média de 40 a 45 pessoas que desempenhavam tarefas tais como: Marcenaria, padaria, tapeçaria (bordado) e fabricação de vassouras. Os trabalhos feitos eram vendidos e os lucros divididos em 50% para compra de mais materiais e 50% entre o grupo que trabalhava no setor.

Na casa oferecia-se refeições, alfabetização e um acompanhamento psiquiátrico.

Não se permitia a permanência dos membros durante a noite, só em caso de doença.

A equipe de trabalho era composta em torno de 11 pessoas, as quais eram unidas e todos participavam das decisões tomadas. A equipe, pelas circunstâncias das situações não deveria mostrar medo diante dos frequentadores, ter muita paciência e coragem, sendo que a prática da não-violência estava sempre presente. O contato com estas pessoas foi bastante interessante e comovente, pois são vítimas de uma sociedade capitalista opressora que não ofereceu e nem oferece condições para um desenvolvimento sadio, sem marcas ódio e violência.

Outra experiência foi um contato com menores abandonados, todos eram "muloqueiros" (Cheira colada, maconheiros etc.), encontravam apoio e moradia na casa dada por Demétrius. Na casa, decidiam a organização da mesma. Tinham alfabetização na parte da manhã, à tarde iam brincar na praça e catar papéis, desenvolviam trabalhos na marcenaria e padaria. À noite uma equipe de 6 meninos ia ao encontro de outros e convidavam para fazer parte da casa. Chegando na casa, passavam por um processo de desintoxicação e permaneciam na mesma. Muitas

saíam, mas cabavam voltando. Não obrigavam a permanência na mesma - tinham a liberdade de decidir se queriam ou não ficar. Com estas intenções estavam planejando uma casa para meninas de rua.

Um outro contato foi com o pessoal dos Sem-Terra. Algumas áreas já estavam desapropriadas e divididas em famílias, e em outras, não haviam sido efetuadas divisões por falta de interesse do MIRAD, Sindicatos pelegos e INCRA, sendo que estas famílias tinham que ficar em barracos passando fome e frio.

As áreas divididas estavam produzindo e os produtos eram vendidos direto ao consumidor. Nas outras áreas não divididas, estavam com muitos problemas, não podiam plantar. Passando necessidade, formaram uma área comunitária.

Visitamos em João Pessoa, Paraíba, algumas ocupações em fase inicial, onde as pessoas poderiam ser despejadas de uma hora para outra.

Todas as experiências foram por demais válidas durante o mês de fevereiro de 1989, mas o que gostaríamos de ressaltar foi a convivência deste mês numa favela, onde tivemos um contato direto com as pessoas que têm um contexto de vida diferente do nosso. As dificuldades na vida do povo aumentam a cada dia e ao mesmo tempo, os meios de comunicações se encarregam de desviar essa angústia oferecendo-lhe programas alienantes.

Queríamos agradecer ao SERPAJ por esta oportunidade.

"Sem justiça não há Paz"

Carla Abeling e Elke Doehl

Regional Sul e Estadual São Paulo: Novas Coordenações

REGIONAL SUL: Os grupos da Região Sul reuniram-se nos dias 20 e 21 de maio, na Faculdade de Teologia de São Leopoldo (RS).

A assembleia contou a presença de Caibatê, Estância Velha, Santo Angelo e São Leopoldo (RS); Florianópolis (SC) e Curitiba (PR) - que apresentaram um relatório de seus trabalhos efetuados nestes últimos anos; avaliaram a atuação do Regional Sul e do liberado e elegeram uma nova coordenação. Essa a representada por Francisco Comerlato (Santo Angelo - Coordenador); Fátima Jimenez (Florianópolis - Vice-coordenadora); Allan Krahn (São Leopoldo - Tesoureiro); Maria de Fátima Dantas (Florianópolis

- Vice-tesoureira); Elke Doehl (São Leopoldo - Secretária) e Rafinha (Estância Velha - Vice-secretária).

ESTADUAL SÃO PAULO: Realizou-se no dia 1º de abril de 1989, na sede da F. N. T., uma assembleia extraordinária com a participação de sete grupos e seus respectivos delegados.

Nessa assembleia, formou-se uma nova coordenação que ficou assim constituída: Rosalvo Salgueiro (S. Miguel - coordenador); Maria Ione Ferreira (Osasco - vice-coordenadora); Marcelo Penna (S. José dos Campos - secretário); Nelson Ribeiro (S. Miguel - tesoureiro); para o Conselho Fiscal Maurilino Oliveira (S. José dos Campos), Maria Santos (V. Curuçá) e Otacilio Francisco (Osasco).

EDITAL DE CONVOCAÇÃO

O Conselho Nacional de Serviço Nacional Justiça e Não-Violência, Social Brasil convoca o Conselho Regional Sul e São Paulo para o seu 1º encontro ordinário a realizar-se nos dias 21 e 22 de julho de 1989, no Instituto São Paulo Pó XI - Rua Pó XI, 1100, Alameda Vespas, São Paulo-SP.

Conselho Nacional

ERRATA - BOLETIM Nº 08

Na página 03, parágrafo 12 - Onde se lê tráfico, leia-se tráfico.

Na página 02, no título - onde se lê... Julho de 89, leia-se Julho de 88.

O 2º artigo da página 07 foi escrito por Altamir Lages.

Na página 04, o artigo Objeção de consciência, foi escrito por Marco Antônio Gonçalves.

Expediente

JUSTIÇA E NÃO-VIOLÊNCIA

Publicação Semanal

Serviço Nacional Justiça e Não-Violência - Serpa/Brasil

SDS 54 - Versão P - 1/115

70.390 - Brasília - DF - Brasil

Telefone para contatos:

(061) 223 5795

Coordenação e responsabilidade

de elaboração:

Marco Antônio Gonçalves e Silvia Teresinha Gonçalves

Frederico Lora assistente e edição de artigos

Rua dos Parajós, 40

Beirito Guaraná

95 086 - Curitiba - Sul - Pá

Distribuição interna

Diagramação: Adenise Lúcia de Oliveira

Serviço gráfico: Juceli Pimenta

1º Encontro Regional Sul de Mulheres

Realizou-se nos dias 08 e 09 de abril do corrente ano, o 1º Encontro de Mulheres do Regional Sul, em São Leopoldo, no Lar da Menina.

Estiveram presentes 15 mulheres. Muitas delas nunca haviam saído de suas casas de seus lares. A maioria sofre diariamente a pressão machista dentro do seu lar, do seu trabalho. Pelo próprio sistema que é machista.

Contudo, outras trouxeram experiências muito ricas, como: superação à submissão ao marido que bêbado violentava com agressões morais e físicas tanto ela como os filhos. Esta libertação foi conquistada com o auxílio de outras pessoas, fazendo com que ela reconstruísse sua vida e a da família.

O reconhecimento e descoberta da nossa libertação como mulher, mãe e militante dentro dos movi-

mentos populares, foi uma das coisas boas que ocorreram neste encontro.

As mulheres que participaram deste encontro decidiram que outros encontros deverão ser realizados, e que, entre cada encontro de mulheres, seja realizado um encontro com a participação dos respectivos companheiros de caminhada do dia-a-dia. Desta forma, marcamos para dia 16 e 17 de setembro, o próximo encontro do qual participarão nossos companheiros, homens. O mesmo será realizado no Lar da Menina em São Leopoldo.

Desejamos que a caminhada de todos e todas aconteça de uma maneira harmoniosa e justa em busca de uma plena libertação.

Marta Krause

- Sua contribuição, tanto em nível de artigos como financeira, é importante para a manutenção de nosso Boletim. Atualize sua assinatura anual.

O Progresso, a Paz e a Fome

Nosso Brasil verde, amarelo, azul e branco está muito desbotado. O verde há muito foi entregue ao prazer do capital com a cortesia dos incentivos fiscais para projetos de destruição na Amazônia. O amarelo é contrabandeado há cinco séculos para o primeiro mundo. O azul agoniza com a fumaça do PROGRESSO. E o branco? Ah, o branco está vermelho, vermelho de sangue, sangue de trabalhadores assassinados.

O desbotamento da bandeira do Brasil é até muito natural, pois é uma resposta à PAZ que planejaram para nós. Está escrito na nossa história que disseram: "Vamos escravizar os índios"; "Vamos buscar os negros que trabalham melhor"; "Vamos trazer os alemães para que valorizem a terra de nossas autoridades"; "Vamos buscar os italianos para que dêem um jeito nos nossos índios brabos"; "Agora vamos inventar uma 'abolição' para inglês ver".

Hoje, descendentes de índios, negros, alemães, italianos e outros mais estão questionando o PROGRESSO e a PAZ preparados para o nosso país gigante pela própria natureza. Muitos se uniram no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra e estão declarando a sua "guerra": "Estamos passando fome ao redor dos latifúndios e queremos terra para plantar e colher". Sim, este é o grande crime dos sem-terra: denunciaram a miséria em que foi transformado o campo brasileiro, e querem plantar e colher alimentos.

Quero falar de minha experiência com o Movimento Sem-Terra no Rio Grande do Sul. Aqui o Movimento já fez quase de tudo na luta pela terra: Os sem-terra se organizaram em núcleos no interior do estado e escreveram cartas amigáveis ao governador, explicando a situação de falência e pedindo a intervenção do governo. Não houve resposta concreta. Organizaram caravanas por municípios e foram falar pessoalmente com o governador. Também não houve resposta concreta. Organizaram passeatas na capital do estado e fizeram manifestações públicas em frente aos prédios do INCRA e do MIRAD e nas praças públicas. Novamente não houve resposta concreta. Organizaram caravanas por municípios e foram falar Acamparam nas praças e na Assembleia Legislativa. E ainda não houve resposta concreta. Organizaram então, grandes acampamentos nas beiras das estradas. O governo e os fazendeiros responderam: "Mas que barbaridade, tchê!". Os sem-terras começaram a ocupar latifúndios. E a resposta foi "Mas isto já é demais!".

Aqui, como em tantos lugares, diante da manifestação dos sem-terra, o governo que poderia ter acenado com ódio, encenou com exercício. Assim foi na Natalino, na Anoni e na Santa Elmira.

O pior é que ultimamente não se pode mais falar em encenação. Como que amparados e incentivados pela UDR, policiais mal pagos estão usando contra os

colonos toda a brutalidade de que está impregnado o bico de um coturno e a ponta de uma baioneta. No despejo de Santa Elmira os policiais se comportaram como se estivessem caçando. Os colonos "apanharam" de coronhaço, golpes de baionetas, treze foram alvejados a bala pelas costas. Elton Orgarato, na fila, com as mãos na cabeça, recebeu um tiro numa perna. As 22 lideranças presas foram torturadas, e colocadas, nus, em formigueiros. Os soldados se apossaram de rádios, relógios, dinheiro e documentos de 314 lavradores. (Dalvir Zorzi).

Acho incrível a capacidade que os colonos têm de responderem aos atos de brutalidade e ofensa com uma postura que reflete dignidade, coragem e princípio não-violento. E quem se orienta pela não-violência não consegue agir contra a sua consciência de justiça. Quando em Santa Elmira os colonos perceberam a aplicação unilateral da lei, rasgaram-na. Com isto demonstraram percepção perfeita do desvio do poder judiciário que, em vez de desarmar as partes em conflito, permitiu que a polícia agisse em parceria com a UDR contra os sem-terra. Os sem-terra perderam facões, foices, enxadões e algumas espingardas de caça e a UDR ficou com as mais de 70 mil armas de grosso calibre que publicamente declarou poseuir.

Depois do que aconteceu na Santa Elmira, o Movimento Sem Terra enxergou que a única forma de defender a vida das famílias acampadas era iniciar uma greve de FOME.

No dia 13 de abril iniciamos a greve de fome com a disposição de suspendê-la somente se o governo do estado adquirisse 25 mil hectares de terra para assentar as 1.240 famílias acampadas no RS. A fome voluntária de 93 colonos, um sindicalista, um frei e um pastor amontou numa salinha do sindicato dos bancários de Porto Alegre, e despachou dali para o Brasil e o mundo, todo o sofrimento, a miséria, a fome e o risco de vida de milhares de homens, mulheres e crianças sem-terra deste rico estado. Na salinha da fome - janela da miséria dos sem-terra - em 16 dias entraram mais que seis mil pessoas e mais que um quilo de telegramas e cartas de apoio. Na salinha da fome também entrou, contra a orientação de sua assessoria política, o governador do estado. O mesmo homem que resistiu durante 90 dias ao barulho das sinetas de professores grevistas em frente ao seu palácio, foi ao encontro dos sem-terra no 12º dia da fome. Durante os 16 dias que durou a greve, o Rio Grande do Sul não conseguiu ignorar a fome de seu povo. No interior do estado inúmeras praças e prédios públicos foram invadidos pela vergonha da fome através de jejuna de solidariedade promovidos por todos os lados.

No dia 28 de abril, agricultores do interior do estado lotaram mais de 30 ônibus para um ato de solidariedade e pressão política na capital. Em uma au-

diência, o governo do estado, entre muitas conversas, falou em atender a reivindicação dos sem-terra. Um grupo de 150 pessoas acampou em frente aos prédios da Secretaria da Agricultura até que o governo cumprisse as promessas. Um grupo de entidades de apoio formulou o pedido de que a greve de fome fosse interrompida. O pedido foi aceito pelo Movimento e atendido pelos grevistas.

Hoje, após a interrupção da greve, o governo já adquiriu 5.964 ha, está ultimando a aquisição de mais 4.896 ha e a EMATER está fazendo, a mando do governo, a vistoria de diversas áreas que estão à venda e totalizam 13.413 ha. Temos a esperança de que as famílias acampadas sejam assentadas ainda antes do inverno. Mas assentar 1200 famílias significa solucionar menos de 1% do problema dos sem-terra no RS.

Devemos reconhecer que aprendemos com a greve de fome. Como pastor tive que fazer a pergunta se o amor ao próximo não é mais a lei maior dos cristãos. Muitas pessoas cristãs não entenderam nosso gesto de colocar nossos corpos no compromisso com os sem-terra. Parece até que seguir este Cristo que morreu por nós não requer mais que os seguidores coloquem suas vidas à disposição. Talvez estes cristãos que reprovaram nossa luta pensem ser possível seguir a Cristo só com uma moedinha de vez em quando. Alguns até retiraram seu apoio à greve alegando não ser possível justificar teologicamente uma greve de fome. Tomara que estes não passem seus dias procurando uma justificativa teológica para a omissão diante da morte de inocentes em nossa sociedade. Se a greve de fome carece de explicação teológica, certamente o escândalo da cruz de Cristo também carece. Penso que quando a teologia nos proibir de colocar nossa vida à disposição do próximo, está na hora de abandonar esta teologia. "Pois está escrito, destruírei a sabedoria dos sábios e aniquilarei a inteligência dos entendidos". (1 Co 1.19)

A greve de fome dos sem-terra enfrentou, entre outros, o maior boicote da grande imprensa nos últimos tempos. E aí são chamadas à responsabilidade todas as entidades que têm boa vontade de servir nosso povo. Muitas vezes, até mais que caridade, os sem-terra estão pedindo que a comunidade em geral seja informada corretamente a respeito de sua luta. Grandes empresas de jornalismo estão agredindo a integridade ético-moral de seus repórteres e jornalistas impedindo que dêem a notícia exata dos acontecimentos. As mesmas empresas da mesma forma agredem leitores, ouvintes e telespectadores através da manipulação da notícia. É urgente que as entidades que apoiam o Movimento Popular neste país contribuam com a tarefa de informar segundo o interesse de quem recebe a notícia. Caso contrário continuará aquela PAZ e aquele PROGRESSO.

Leonidio Uade - Pastor da Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil.

Visita de Adolfo Pérez Esquivel ao Brasil - Nobel da Paz para Dom Paulo



prêmio Nobel da Paz/89".

Em São Paulo, dia 07 de abril pela manhã, Adolfo foi convidado pela TV Manchete para uma entrevista ao vivo. As 10h, houve uma coletiva com a imprensa. À tarde, participou de uma reunião com o Movimento Nobel da Paz Dom Paulo, logo após de uma reunião com alguns companheiros do Movimento no urbano "Sem Tele".

A noite do mesmo dia, deu-se o lançamento oficial da campanha, no salão nobre da Faculdade de Direito do Largo São Francisco (São Paulo SP). Estiveram presentes lideranças de movimentos de base, a professora Erundina, vários reitores universitários cinco presidentes de partidos, estudantes, sindicalistas representantes das Igrejas etc.

Do 08 de abril, Adolfo esteve em Brasília no "Seminário sobre o papel e situação das Forças Armadas na América Latina" (ver artigo sobre o seminário - neste boletim). O seminário

foi promovido pela CUT e o Movimento Nacional de Defesa dos Direitos Humanos, com o apoio de várias entidades, incluindo o SERPAJ - Brasil. Antes de sua palestra, Adolfo falou sobre o movimento e sua visita ao Brasil. Paulo e após dos presentes à campanha, tendo local aceitação da plenária.

No domingo, 09 de abril, Adolfo esteve em Rio Branco, no Acre. Dias 10 e 11/4 participou do lançamento da campanha no Rio de Janeiro. Dia 11 de abril, no "Circulo Voador" com a presença de vários artistas e outras pessoas, Adolfo lançou a candidatura (campanha).

Em Porto Alegre (dia 12/04), Adolfo e Amanda encerraram sua visita ao Brasil. Neste dia, houve o lançamento da campanha na Assembleia Legislativa, onde Adolfo falou sobre a importância da campanha, ressaltando o compromisso que Dom Paulo E. Arns sempre teve com os marginalizados, os fracos de nossa sociedade. Numa parte de

seu discurso, na plenária da Assembleia, disse: "Esta indicação não se trata apenas de ressaltar uma figura humana, com todos os méritos que possui Dom Paulo; mas ele é o símbolo que expressa o sentimento de um povo como o Brasil e de toda América Latina. Sempre interpretando os setores populares, os favelados, os camponeses, os operários e todos os que lutam por construir uma sociedade mais justa, mais humana e fraterna para todos".

Ainda neste dia, Adolfo e Amanda estiveram com o presidente do Conselho Nacional das Igrejas Cristãs, Pastor Götfrid Brakenmeyer.

À tarde, após a coletiva com a imprensa na sala da Comissão de Direitos Humanos da Assembleia Legislativa, Adolfo foi recebido pelo Governador em exercício Sivaldo Guazzelli. Além da campanha do Nobel da Paz para Dom Paulo, ele também cobrou do governo do estado do Rio Grande do Sul, um

compromisso maior com a causa dos trabalhadores sem-terra. No dia seguinte, 08 de abril, os trabalhadores rurais e das religiões iriam iniciar uma greve de fome. O governador se comprometeu em reunir-se no dia seguinte (13/04) com a comissão dos sem-terra, às 11h. Este pedido foi feito a Adolfo pelos sem-terra durante a coletiva com a imprensa. A greve de fome aconteceu e durou 16 dias.

A ideia do lançamento do nome do Arcebispo de São Paulo, Cardeal Dom Paulo E. Arns foi lançada na VI reunião do Conselho Colegiado do SERPAJ - América Latina, que se realizou em La Paz - Bolívia nos dias 12 a 17 de setembro de 1988. A proposta foi trazida à reunião por Adolfo P. Esquivel e teve o apoio de todos os membros do Conselho (fazem parte do Conselho Colegiado os 16 coordenadores nacionais, o coordenador latino-americano, e o presidente do comitê honorário - Adolfo

P. Esquivel).

Há existiram comitês em diversos países, pois além do Brasil, Adolfo também esteve lançando a campanha nos Estados Unidos, Canadá, Argentina, Uruguai, França, Espanha, Suíça, Alemanha e outros.

Vamos trabalhar concretamente a favor desta campanha. Assim devemos nosso apoio e solidariedade a um homem que tanto fez e faz por um povo tão sofrido. Estaremos não somente dando o prêmio a Dom Paulo, mas a todo trabalho em favor da libertação, não somente do povo Brasileiro, mas de todo povo Latino-Americano.

Vamos participar da campanha, nos ocupar desta luta. Logo estaremos lançando um material que trata mais a fundo esta questão. Se você quiser mais informações escreva ou telefonar para SERPAJ - BRASIL.

ALTEIR LARES

Durante os dias 06 e 12 de abril/89, recebemos a visita de Adolfo P. Esquivel e sua esposa Amanda Guerendi. A visita tinha como objetivo o lançamento oficial da campanha "Dom Paulo,

Encontro de formação: A não-

Em 1988 realizou-se o primeiro encontro de formação não-violenta entre alguns bispos - que utilizam a mística e a estratégia não violenta em suas pastorais - e militantes do SERPAJ/Brasil. Nessa ocasião, sentiu-se a necessidade de um aprofundamento maior sobre o que é e como aplicar concretamente em nossas lutas essa mística não-violenta. Como resolução desse encontro, ficou estabelecido a realização de um segundo encontro de formação - este com a perspectiva de iniciar uma discussão sobre A NÃO-VIOLENCIA E O PODER.

Esse artigo divide-se em duas partes: a primeira consiste numa breve introdução ao assunto a partir do texto enviado à todos os participantes, retirado do livro "PODER, LUTA E DEFESA - TEORIA E PRÁTICA DA AÇÃO NÃO-VIOLENTA" de Gene Sharp (Edições Paulinas); a segunda nos questionamentos realizados neste 2º encontro que não esgotou (e nem pretendia...) as reflexões sobre o assunto.

1ª PARTE: NATUREZA E CONTROLE DO PODER POLÍTICO

Sharp reconhece que o poder é inerente a praticamente todas as relações sociais e políticas; sua natureza segue duas visões: podemos ver as pessoas como dependentes da boa vontade, das decisões e do apoio de seu governo ou de qualquer outro sistema hierárquico a que pertence ou o inverso - o governo dependente da boa vontade, das decisões e do apoio das pessoas. A ação não-violenta se baseia na segunda dessas visões.

O poder exercido por indivíduos e grupos que estão nas posições de maior comando e decisão em qualquer governo não é intrínseco a eles. Se um governante vai exercer o poder, deve ser capaz de dirigir o comportamento de outras pessoas, contar com amplos recursos humanos e materiais, manipular um aparato de coerção e dirigir uma burocracia na administração de sua política.

Contudo, qual é realmente a fonte do poder? Um exame mais detalhado dessa questão nos mostrará que o poder de um governante depende intimamente da obediência e cooperação do povo. Por que as pessoas obedecem? As razões são várias, complexas e relacionadas entre si... Sharp nos mostra algumas; salientamos:

1) **Hábitos:** a obediência tem sido uma prática da humanidade e se tornou um hábito; porém, para que isso ocorra, são necessárias razões convincentes pois senão, deixará de existir.

2) **Recreio de sanções:** como escreveu John Austin, sanções são "uma coerção à obediência usada pelos governantes contra o povo para que todos aceitem voluntariamente o poder e acatem às suas ordens". Essas sanções podem ser violentas ou não; podem servir como castigo ou intimidação. Assumem várias formas, tais como: pressões sociais e econômicas, ameaças ou o uso de alguma forma de violência física contra a pessoa desobediente - fazendo com que outras pessoas "pensem" duas vezes antes de fazer o mesmo.

3) **Obrigação moral:** Sharp diz que o sentimento de obrigação moral de obedecer é "em parte produto do processo normal pelo qual o indivíduo absorve os costumes, usos e crenças de sua sociedade à medida que cresce, e em parte resultado de uma doutrinação deliberada". Esse sentimento pode surgir a partir de quatro considerações: a) o bem comum da sociedade a obediência torna possível a proteção contra pessoas anti-sociais e promove o bem de todos; b) fatores sobre-humanos - o governante teria qualidades, poderes ou princípios sobre-humanos, que torna inquestionável a desobediência, que se torna heresia, traição ou rebeldia aos "princípios absolutos"; c) legitimidade da ordem - "se a ordem é dada por alguém que está numa posição oficial aceita, se é vista como estado concorde com a tradição, com as leis estabelecidas e com a constituição, se o governante ganhou sua posição através de processo estabelecido, então o governado sentirá uma obrigação de obedecer bem maior do que no caso em que essas condições não estivessem presentes; d) a conformidade das ordens com as normas aceitas - as pessoas obedecem porque o comportamento ordenado pelo governante é aquilo que creem ser o correto em qualquer situação, como não roubar ou não matar.

4) **Interesse próprio:** ou seja, o prestígio, posição de poder, lucro financeiro...

Estas são algumas razões para a obediência; entretanto, ela não é inevitável. Há sempre variações de acordo com o indivíduo em questão e com a situação social e política. A obediência nunca é praticada universalmente por toda a população. Muitas pessoas

às vezes desobedecem a lei. Algumas pessoas o fazem frequentemente.

Vimos que a obediência é essencialmente voluntária; mesmo no caso das sanções, temidas, pois suas consequências são vistas como mais indesejáveis do que as consequências da obediência, se pode escolher a obediência, evitando assim as sanções implicadas na desobediência ou se pode escolher a desobediência e se arriscar a receber as sanções previstas. Assim, a obediência só existe quando alguém concorda com a ordem ou se submete a ela. Sempre é possível a escolha entre obedecer e desobedecer. Não são as sanções em si mesmas que fazem obedecer, mas o recuo delas.

Em síntese, o poder de um governante depende da disponibilidade de suas várias fontes. Essa disponibilidade está determinada pelo grau de obediência e cooperação prestadas pelo povo. Contudo, essa obediência e cooperação não são inevitáveis e, apesar das pressões, e mesmo sanções, a obediência continua sendo essencialmente voluntária. Portanto, todo governo se baseia no consentimento: nenhum poder político pode ser exercido sem o consentimento do povo, sem a cooperação direta de um grande número de pessoas e sem a cooperação indireta de toda a comunidade.

Gandhi, que experimentou amplamente as potencialidades políticas da desobediência, enfatizou a importância de uma mudança da vontade como pré-requisito para uma mudança nos modelos de obediência e cooperação. Ele argumentava que há necessidade de: 1) uma mudança psicológica da submissão passiva para o respeito próprio e a coragem; 2) reconhecimento pela pessoa de que sua colaboração torna possível o regime; 3) surgimento de uma determinação de retirar a cooperação e a obediência. Gandhi sentia que essas mudanças poderiam ser conscientemente influenciadas e se propôs deliberadamente a fazê-las.

Uma vez que tenha ocorrido uma grande redução ou mesmo o fim do recuo do povo e uma vez que haja disposição de sofrer sanções como preço pela mudança, tornam-se possíveis a desobediência em larga escala e a não-cooperação.

É importante salientar que é do próprio interesse do governante manter o povo iludido quanto à natureza frágil do poder político e à sua capacidade de dissolvê-lo. As pessoas se tornam cúmplices, ao mesmo tempo em que se tornam suas vítimas; a maioria governada carece de organização independente. A ação eficiente baseada nessa teoria de poder requer resistência e oposição feitas de forma coletiva. Contudo, não deveria ocorrer desânimo ou esparto face à repressão: frequentemente ela é resultado do reconhecimento por parte do adversário de que a ação não-violenta é uma séria ameaça à sua política ou regime. Os militantes não-violentos devem estar dispostos a assumir o risco de castigo como parte do preço da vitória.

Eles se recusam deliberadamente a desafiar o adversário no mesmo nível de violência dele. Violência contra violência reforça ainda mais as respectivas posições. O grupo não-violento não apenas prescinde do uso da violência, como também não deve fazê-lo, a não ser que queira fortalecer ainda mais seu adversário e enfraquecer-se a si mesmo. Ele deve se ater ao seu próprio "sistema de armas" não-violentas, já que a ação não-violenta tende a fazer com que a violência e repressão do adversário se voltem contra sua própria posição de poder, debilitando-a e ao mesmo tempo fortalecendo o grupo não-violento.

2ª PARTE: A NÃO-VIOLENCIA E O PODER

Com a participação de 34 pessoas, realizou-se nos 15 e 16 de abril/89, no Instituto Pio XI, o Encontro de Formação, com o objetivo de discutir o poder e a não-violência.

As expectativas do encontro eram muitas:

- Como utilizarmos o poder de uma forma não-violenta.

- Ver como construir o poder que sirva à justiça e à paz.

- Aprofundar a proposta da busca do poder e da preparação para assumir as estruturas controladoras do poder.

- Buscar formas, mecanismos para que o povo possa resistir diante do poder.

- Tentar encontrar pistas para a participação direta na campanha política sem vendermos ilusões e sem esquecermos de nossas lutas populares.

- Dentro da mística da não-violência, tentar compreender as razões e as origens do poder massacr-



dor, para que saibamos como transformá-lo.

- Perceber os dois lados do poder: o diabólico e o libertador.

- Aprofundar a não-violência como jeito de ser, um processo constante. Descobrir como vamos entrar no exercício do poder.

- Buscar a eficácia da não-violência no processo de transformação da sociedade. Existe o aspecto de ser testemunho, mas precisamos acompanhar a história. A mística é fundamental, porém precisa colocar elementos de eficácia para uma ação que anule o poder opressor e faça surgir o poder libertador. Levamos em frente a mística, mas também temos que levar em frente o projeto político, para eficácia da ação concreta.

- Buscar formas de nós, enquanto não-violentos, ajudarmos a transformar os fatores que garantem o poder dos grupos dominantes.

- Procurar alternativas de como nos colocarmos diante do poder esmagador sem perder de vista nossos princípios, nossa proposta de luta.

- A obediência é uma das formas de sustentação do poder. Como o "Educar para a Paz" pode influir nisso?

- Esclarecer nossa identidade diante do poder, buscando espaços para nos inserirmos nesse processo que o país está vivendo.

- Discutirmos nossa participação nas eleições presidenciais e os meios de trabalho para que o poder seja popular, serviço, transformador das estruturas.

- Buscar propostas de como consentirmos as pessoas para descobrirem seu poder de diálogo, de educação, num programa a longo prazo.

- A fonte de sustentação ou não do poder, está na organização do trabalhador. Então, precisamos descobrir alternativas na formação das bases, na educação popular.

Diante destas expectativas, decidimos trabalhar em grupo, aprofundando as questões levantadas e depois discutirmos em plenária.

Plenária I: O CARÁTER DO PODER E A CONJUNTURA BRASILEIRA

A questão do poder não se limita ao aspecto político, mas é uma relação entre vários fatores, que se tornam fontes do poder. Estes fatores são os aspectos econômicos, político, social e ideológico.

O povo, pela sua debilidade de organização, dá o poder a grupos que trabalham contra seus interesses. Esses grupos usam os instrumentos do poder para impedir o avanço da caminhada de libertação do povo e contam com a obediência como fator básico de sua sustentação.

A conquista do poder político e o seu exercício, deve ter um caráter popular e é através desse caráter que será possível a conquista do poder em todos os seus níveis. Para isso, é preciso ter claro em mãos de quem está o poder e então, buscar estratégias de ação para que possamos fazer com que este poder troque de mãos, tornando-se popular. Assim, é necessário fortalecer a base sócio-política da luta, para realmente tomar o poder.

Temos necessidade de intensificar a luta, investindo na educação libertadora, no resgate dos conhecimentos da história verdadeira, na vivência de nos-

-violência e o poder



nas pequenas lutas e na busca do conhecimento da estrutura do poder. Além disso, precisamos ir nos preparando, através de nossas próprias lutas, no exercício da democracia, para a retomada de uma nova forma de exercício do poder, que seja coletivo e que restitua a dignidade e a valorização do povo brasileiro.

Enquanto lutamos para conquistarmos definitivamente o poder, devemos trabalhar para que o poder político (governo) seja exercido como um serviço do e para o povo e não como instrumento de dominação. Precisamos fazer com que a transparência no exercício do poder e a comunicação direta e permanente com o povo sejam as suas características.

O nosso trabalho como Serviço Justiça e Não-Violência, para colaborar na luta pela conquista do poder, deve destacar nossos métodos e nossas linhas de ação. Podemos citar as seguintes atividades, dentro de vários aspectos:

a) Aspecto ideológico: Trabalhar na conscientização do povo, principalmente utilizando nossa campanha Educar para a Paz. Através dela, conseguiremos contribuir para a ampliação da visão do mundo que nos cerca e reforçar a conscientização popular. Nesse trabalho podemos tornar possível a desobediência civil como uma arma de luta direcionada, com um objetivo claro e preciso, como pressão político-social.

b) Aspecto econômico: Buscar o fortalecimento de sindicatos e associações de classe. Nós, enquanto trabalhadores, devemos participar ativamente de nossos sindicatos e associações de classe, levando para lá nossos princípios e nossa forma de atuação. Dessa maneira, conseguiremos pressionar aqueles que detêm o poder econômico e nos prepararmos para, mais tarde, exercê-lo.

c) Aspecto militar: Avançar na campanha do Serviço Alternativo, tentando desmascarar o caráter das Forças Armadas. Precisamos tornar o Serviço Alternativo um serviço à Pátria que surge e atua na comunidade.

d) Aspecto místico: Aprofundar cada vez mais a espiritualidade consciente, que dá força e coragem para pôr em prática as estratégias e táticas não-violentas.

e) Aspecto político: Fazer uma integração maior de nossas estratégias de luta não-violenta com os organismos que estão tentando viabilizar propostas políticas avançadas e transformadoras. Continuar a discussão sobre nossas posições, sobre a eficácia de nossa luta, até se chegar a definir com clareza um projeto político específico de nossa entidade.

Plenária II. O PODER POLÍTICO E A NÃO-VIOLENCIA

A sustentação do poder se dá através dos aspectos político, econômico, religiosos, ideológico e militar.

O capital, associado aos militares, é o maior detentor do poder. A sociedade está militarizada e quem detém o poder das armas, tem a última palavra.

Mesmo que se conquiste um poder político popular, nossa situação será vulnerável, pois estaremos

pressionados pelos poderes econômico e militar.

Temos também que lembrar, que o poder político é inevitável em qualquer grupo. Ele tem origem no povo que, ou escolhe seu representante, ou tolera sua presença e suas imposições.

Entre nossos militantes, há duas visões da não-violência:

a) A Não-Violência como mística, como espiritualidade, tendo uma série de inspirações na luta.

b) A Não-Violência como ferramenta de luta, tendo um caráter político, uma posição de vanguarda na luta pelo poder.

O nosso trabalho, não é de dar uma caráter definido, limitado do objetivo da não-violência, mas sim de buscar a união dos princípios inspiradores com a realidade concreta brasileira e o papel da não-violência como ferramenta eficaz na luta. Isto porque, mística e política andam juntas. Um não exclui o outro, pelo contrário, um acrescenta ao outro.

Sendo assim, surgem três preocupações:

a) Nós, trabalhadores, no poder político. Qual será o trabalho dos militantes da não-violência a partir disto?

b) Nós perdendo a luta eleitoral para a direita. Como será nosso trabalho?

c) Os militares de volta ao poder político. Qual será nossa atuação?

É preciso análises e discussões sérias e claras. Nossa atuação, enquanto não-violência, no caso de acontecer um poder popular, seria de buscar meios para que este poder seja realmente serviço, ajudando na educação popular para a organização participativa, reforçando conselhos populares, buscando formas concretas do povo exercer o poder junto com o governante, ajudando-o ou cobrando sua atuação.

Caso contrário, o poder ficando nas mãos da direita ou dos militares, nossa atuação deverá ser de confronto e nossa maior arma seria a desobediência civil, usando-a como método de conscientização e organização do povo, na preparação para a luta concreta e efetiva, através da firmeza permanente.

Apesar destas suposições, não podemos esquecer que, durante e depois da campanha para a eleição do Presidente da República, precisamos continuar nosso trabalho de organização popular, fortalecendo nossa atuação nas linhas de ação da entidade:

a) Educar para a Paz: Atuando contra o armamentismo, em favor do Serviço Alternativo e pela conscientização e organização do povo.

b) Reforma Agrária e Urbana: Trabalhando pela participação em sindicatos e conselhos populares e atuando concretamente ao lado dos Sem-Terra, no campo e na cidade.

c) Integração Latino-Americana: Promovendo o intercâmbio de experiências entre os povos da América Latina e tentando trabalhar em unidade as causas que nos são comuns.

PROPOSTAS E ENCAMINHAMENTOS:

Precisamos trabalhar estratégias frente às nossas linhas de ação:

a) EDUCAR PARA A PAZ:

- Formação de uma equipe que trabalhe especificamente com isto.

- Realização de encontros locais.

- Preparação de um currículo para trabalhar e Educar para a Paz.

- Promoção e apoio aos conselhos populares.

- Apresentação de propostas para a lei de diretrizes e bases.

- Divulgação, através de todas as maneiras possíveis, do Serviço Alternativo.

b) REFORMA AGRÁRIA E URBANA:

- Apoio aos grupos já existentes.

- Acompanhamento nas ocupações e resistência.

- Realização de denúncias das violências no campo.

- Participação na elaboração das constituições estaduais e elaboração das leis orgânicas municipais, trabalhando para que a questão da terra, no campo e na cidade, seja levada em consideração.

c) INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA:

- Realização de trocas de informações sobre as lutas promovidas e efetivadas por todos os SERPAIS.

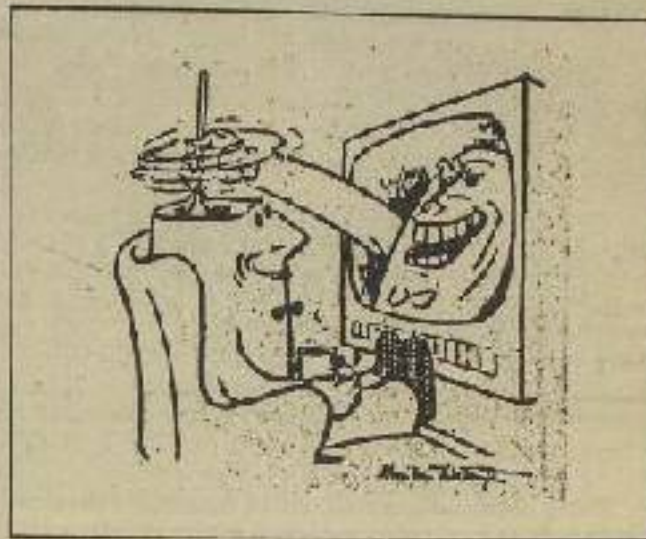
- Apoio aos movimentos de libertação dos países latino-americanos.

- Promoção de ações conjuntas com relação aos problemas comuns.

- Facilitação de encontros e treinamentos nas fronteiras, congregando países vizinhos.

Concluímos esse artigo sabendo que, o poder

O poder da comunicação



No começo era o Verbo, então, Ele resolveu se fazer gente, armou sua tenda entre nós, para demonstrar como se pode pensar, gesticular e falar coerentemente em função da humanidade como um todo livre. Ao ansar refletir essa proposta com a situação de hoje, percebo a singularidade do momento atual que permite descobrir tantos pontos discordantes com a proposta inicial.

A disparidade atual entre a comunicação verbal e gestual é dissimulada com tintas tão grossas que a ironia se torna evidente ao se buscar o significado de palavras como: democracia, esporte, eucaristia, ecologia, humanidade, desenvolvimento... Aprende-se muito cedo o duplo sentido das palavras, o que vem logo é o reconhecimento da multiplicitude das normas. Um conhecido comunicador, com o circunspeto e gloriioso ar dos homens sérios e vencedores, enfatizava que a verdade é dinâmica enquanto o livro "Máquina Capitalista" o denuncia como um homem capaz de distorcer os fatos e ordens para manter o domínio sobre os funcionários da rede de televisão em que ele é vice-diretor. Essa "verdade dinâmica" é passada todos os dias a milhares de pessoas, umas as engolem sem pensar, outras tentam entender como corretas as distorções vociferadas nos noticiários, propagandas e novelas. E tão poderoso o fluxo dessas informações que se chegou a dita verdade de cada um, ou seja, todos podem e devem agir consequentemente sobre as demais segundo sua visão individual da verdade, uma coisa até meio bonita se por traz dessa "liberdade" não aparecesse nitidamente o estereótipo de pessoas hedonistas e... que mais posso dizer? Daqui a pouco, ou "de repente" como se costuma falar, o hedonismo vira elogio e ideal a ser seguido.

São enormes as distorções que levam um ser humano a sentir-se no direito de agredir o seu conviva, por ele não concordar com a "sua verdade" na paixão devotada ao seu time de futebol. Infelizmente é alarmante e freqüente na paixão devotada ao seu time de futebol. Infelizmente é alarmante a freqüência de tal procedimento.

É vitoriosa a comunicação que exaspera o individualismo, por isso a necessidade da mão na mão; olho no olho e da firmeza evangélica para poder transformar a situação atual que é ilusória para a ótica de uma Humanidade Livre e Responsável.

Esse texto não foi feito para ser aplaudido, mas para que se tome providências.

José Carlos de Brito

atualmente dominantes é sujo, pelas suas regras de jogo, mas cabe a nós alterar radicalmente esta situação. Pode-se construir de baixo para cima um poder solidário e fraterno. E pode-se também legitimar o poder autoritário pela nossa omissão. Tânia Regina Zamberlan e Marco Antonio Gonçalves.

Em busca de Paz na terra dos Cangurus



MONASH UNIVERSITY

No dia 16 de janeiro iniciou-se para mim uma experiência inesquecível, tanto pela sua novidade quanto abrangência em termos de luta pela Paz Mundial. Já em São José, Costa Rica, na reunião preparatória, vislumbramos possibilidades de mais apoio para os Latino-Americanos - mas era difícil perceber a sua significância real. O dia, porém não passou sem suas dificuldades. A embaixada australiana exige visto no passaporte - só aquela manhã tive certeza de minha viagem para Melbourne, Austrália, terra dos cangurus.

17 de janeiro, no aeroporto de Buenos Aires, esperando embarcar para Auckland, Nova Zelândia. Um vôo transpolar, iam atravessar o continente Antártico para chegar ao nosso destino. Na fila de embarque vi Dom José Maria Pires, representante da CNBB. Que alegria! Companheiro de viagem companheiro de luta. O outro representante do Brasil, Rabino Henry Sobell, não pode participar. Infelizmente não deu para sentar junto com Dom José, mas o fato de ele estar no mesmo avião já me sossegou. Abordo tinha uma porção de jovens de intercâmbio entre Argentina e Austrália. Bastante balbúrdia, alegria e expectativas. Alguns voltando para seu país, outros abrindo seus olhos e corações para novos amigos e conhecer novas verdades. Isto é uma promoção de PAZ. O avião decolou perto das 03 hs da madrugada. O jumbo Boeing 747 estava lotado - mais de 400 passageiros. O rito abordo começou. As 05 hs aterrisamos em Rio Gallego, Argentina, último contato com o continente Latino Americano. Rio Gallego localiza-se no limite norte da Argentina. Terra Del Fuego. Descemos do avião. A brisa gelada do Polo Sul bateu nos rostos. Todo o pessoal do aeroporto usavam janelas grossas - e isto no verão, 07hs: todo mundo estava cochilando. Na tela os passageiros podiam ver projetado o trajeto da viagem em andamento. Nós viamos o avião na tela se aproximando do Polo Sul - e todos os contornos do

Continente Antártico, traçados na tela. Incrível, este bloco de gelo cobre quase 10% da superfície do planeta. As potências já tem interesse nesta área para explorar e destruir. Mais uma luta ecológica, para manter o shalom deste mundo! Quando é que o mundo vai acordar para lutar pela preservação deste planeta?

18 de janeiro - Perdemos terça-feira! Passando o fuso horário pulamos de 16 para 18. Chegamos na lindíssima ilha de Nova Zelândia, um país que consegue contestar as forças nucleares da marinha norte americana e continua lutando para livrar o Mar Pacífico dos testes nucleares dos franceses.

Ali no aeroporto, surpresa - fomos recepcionados por duas brasileiras com seus maridos australianos e levados para a paróquia de São Fidelis - um bairro com muitos imigrantes italianos. A paróquia está sendo servida por padres italianos e irlandeses. Nesta mansão, Dom José e eu fomos acolhidos até o começo da conferência na Universidade de Monash. Este pouco tempo ajudou-nos a recuperar da exaustão - Deu para conhecer um pouco desta linda cidade - limpa, organizada, moderníssima - e o trabalho social desta paróquia. Há uma dedicação especial aos jovens, neste bairro - a metade dos jovens atendidos são muçulmanos.

20 de Janeiro - Um jovem filipino, membro do movimento católico "forjadores" que serviam na conferência como voluntários nos levou para o local da conferência, Universidade de Monash. Ali encontramos os demais membros da delegação latino-americana: Haydu Salazar (SERPAJ/Ecuador), Maritza Salazar e José Morales (Universidade de Paz - Costa Rica), Marcos Inhauser (CLAI - Ecuador), Julia Esquivel (Antropóloga - México) e Moisés Colop (COOPA - Guatemala).

21 - 28 de Janeiro - Durante esta semana, divididos em comissões, os quase 600 delegados trabalhavam duramente, ao redor do tema "Estabelecendo Paz através da Confiança". Optei pela co-

missão - Educar para Paz. Tive o privilégio, nesta comissão, de trabalhar com pessoas que conheciam pessoalmente Mohandas Gandhi. Nesta comissão também descobri que Austrália e Nova Zelândia tem currículos de paz - como cursos nas escolas públicas e particulares. Um bom exemplo para nós do Brasil. Vamos começar a lutar pela paz antes que as crianças fiquem deformadas pela violência e militarismo que reina em nossa sociedade.

Numa noite, em programa especial, os aborígenes de Austrália tiveram oportunidade de relatar algo sobre a sua história trágica nas mãos dos colonizadores ingleses. Este povo aborígene tem uma linha direta com o passado de 40.000 anos. Contudo, os colonizadores nem queriam considera-los seres humanos. Pensei sobre os nossos aborígenes aqui no Brasil - Quando é que o ser humano vai apreender a tratar seu semelhante com dignidade, respeito e amor?

Todas as manhãs antes da conferência havia meditação e oração pela paz dirigida por uma representação de cada religião presente. Empolgante imaginar que, a conferência representava quase 2 bilhões e meio de pessoas orando pela paz. Nos primeiros dias, apresentaram as principais palestras sobre diversos aspectos da realidade do mundo e o estabelecimento da paz através da confiança, a partir das perspectivas religiosas. Dom José Maria Pires apresentou a assembleia, como representante da CNBB e militante do Serpaj, a palestra sobre Equilíbrio Ecológico e Meio Ambiente (A integra dessa palestra está no boletim Justiça e Não-Violência nº 08).

No decorrer da conferência houve várias oportunidades de conhecer mais de perto as religiões representadas: Hindus, budistas, muçulmanos, cristãos e outras. Religiões tanto do mundo capitalista como do mundo socialista estiveram presentes. A única polémica séria aconteceu quando o Dalai Lama, o xilado do Tibet, queria apresentar a sua mensagem de paz (não política) e os representantes da China Popular ameaçaram se retirar da assembleia. Só com o argumento hábil do Secretário Geral, John Taylor, a ruptura foi evitada.

As quatro comissões de trabalho reuniram-se com os seguintes temas: 1) Estabelecer confiança através de desarmamento e resolução de conflitos 2) Estabelecer confiança através de direitos humanos e responsabilidade em família e comunidade global 3) Estabelecer confiança através de desenvolvimento econômico e social e equilíbrio ecológico 4) Estabelecer confiança através de não-violência e Educação para a Paz. As contribuições destas comissões serviram como base da confecção final do documento oficial intitulado "Declaração de Melbourne".

Dia 28 de Janeiro, à tarde, foi recebido e aprovado o documento final da assembleia. O colorido das vestimentas religiosas tornou o ambiente festivo e

inesquecível. Agora de maneira profundamente significativa, os participantes levantaram as 05 hs da madrugada, com transporte da conferência foram para uma praia de Melbourne e em jejum e meditação silenciosa de oração, conforme a tradição budista, observaram o nascer do sol. Isto como símbolo de esperança de um novo dia de paz para o mundo inteiro. Pelas 09hs rompemos o jejum com uma refeição simples providenciada pela comunidade local, uma paróquia episcopal. Depois de algumas palavras de despedida - a assembleia dispersou-se para levar a mensagem da paz e seu compromisso para os quatro cantos do mundo.

Dia 31 de janeiro - Depois de um dia de descanso, hospedado na casa do pároco da Igreja Episcopal, retornei a Nova Zelândia, onde tive oportunidade de ir na cidade de Auckland: Visitas a Universidade, a fundação para estudos de Paz e também o Centro dos Amigos da Terra. Impressionante como o povo de Nova Zelândia está se empenhando na luta contra a proliferação de armas nucleares e até a luta contra qualquer uso de energia nuclear. Um exemplo excelente para a luta do Serpaj/Brasil e América Latina.

O grupo representante da América Latina formulou uma carta ao Secretário Geral John Taylor, declarando a sua prontidão e vontade de apoiar a Conferência Mundial de Religiões e Paz na sua luta para Justiça e Paz - no mundo e implementar a conferência criando núcleos ativos nos respectivos locais.

DE VOLTA!

Austrália é terra dos Cangurus mesmo. Tivemos oportunidade de conhecer os animais nativos dessa terra. Mais importante no entanto, do que os cangurus, foi a luta pela paz que desta gente de tantos países que vieram aderir. O enfoque desta assembleia era nitidamente religioso. A refeição, porém, bem ligada à terra e a sua realidade. Serpaj do Brasil e também da América Latina sempre tinha um cunho cristão. Não seria interessante abrir espaço para outras religiões, também? Certamente os nossos indígenas e pessoas de culto africano se sentiriam fortalecidas na luta pela liberdade, se os núcleos da não-violência os incluísem no diálogo e apreendessem a sua espiritualidade. O documento final sublinhou o papel da abertura às diferentes religiões e a importância de educação para a paz. Estabelecemos confiança, dedicando a nós mesmos e a nossos filhos para a paz, através do uso de método não-violentos de mudança e resolução de conflitos. Este tipo de confiança surge quando sabemos quem somos e quando conhecemos a dignidade humana presente em cada ser humano, superando desta forma o medo do desconhecido, da fraqueza e do estigma da diferença. A prece com que termina o documento reza assim: Condição-nos do medo para a confiança.

Pastor Ricardo Wangen

**Campanha de Dom Paulo ao Nobel da Paz 89:
A participação de todos é essencial.**

O papel e a atuação das forças armadas na América Latina



AS FORÇAS ARMADAS NA AMÉRICA LATINA

Com o objetivo de desencadear um processo de discussão para demonstrar à sociedade civil e aos setores que se propõem à transformação estrutural das sociedades latino-americanas, a imperiosa necessidade da elaboração de uma política sobre o papel e a atuação das Forças Armadas, a Central Única dos Trabalhadores - CUT e o Movimento Nacional de Defesa dos Direitos Humanos - MNDDH, tendo o SERPAJ-Brasil como uma das entidades de apoio, realizaram um seminário, nos dias 07, 08 e 09 de abril/80, no auditório Nereu Ramos, em Brasília.

Este seminário contou com os seguintes palestrantes:

- * General Jerônimo Cardoso - presidente da Comissão de Assuntos Internacionais da Frente Ampla do Uruguai.
- * Dr. Hélio Bicudo - secretário de Assuntos Jurídicos

da Prefeitura de São Paulo.

- * Gregório Ernesto Zelayandia - representante da FMLN-FDR, de El Salvador.

- * José Gervásio Neto - Deputado Federal pelo PT.

- * Flora Abreu - representante do Grupo Tortura Nunca Mais.

- * Adolfo Pérez Esquivel - Prêmio Nobel da Paz de 1980 e presidente do Comitê Honorário do SERPAJ-AL.

- * Maria Itosa Balazo e Maria de Las Mercedes Merloña - representantes das Mães da Praça de Maio, da Argentina.

- * Moniz Bandeira - professor Universitário de Brasília.

- * Coronel Geraldo Cavagnare - coordenador do Núcleo de Estudos Estratégicos da UNICAMP.

- * Dom Erwin Krautler - presidente do Conselho Indigenista Missionário - CIMI.

- * Jair Meneguelli - presidente da CUT.

- * Luis de Oliveira Rodrigues - tesoureiro do Sindicato dos Trabalhadores Metalúrgicos de Volta Redonda.

Embora perturbadora e inquietante a hegemonia endêmica do poder militar, que expande-se, surgindo aqui, ressurgindo em outro local, substituindo o precedente de forma mais sofisticada e convincente e deixando sob seu domínio muitos países da América Latina, não é, entretanto, fácil de ser decifrada.

Durante o Seminário, no decorrer das palestras e debates, tivemos clareza de nossas limitações em romper os mistérios que cercam o complexo industrial bélico, o processo de repressão aos movimentos reivindicatórios, a administração militarizada do Estado, o autoritarismo intrínseco expresso em projetos como Calha Norte e Aramar e a invocação constante do "perigo comunista".

No final de três dias de discussões, vimos que todas estas questões exigem estudos profundos e análises sérias, pois as constantes mudanças de conjuntura em toda a América Latina, requerem prudência nas interpretações das tendências militares que parecem se delinear. Além da situação que vivemos no Brasil, onde constantes e brutais intervenções militares deixam sérios rastros da repressão, como em

Volta Redonda e em ocupações realizadas pelos Sertões, os recentes acontecimentos na Argentina, os problemas vividos no Uruguai com os militares desrespeitando o referendário popular que exigiu o julgamento dos responsáveis pelas violações dos Direitos Humanos durante o período ditatorial, a decisão do general Andrés Rodríguez do Paraguai, querendo realizar eleições sem dar condições de estruturação e participação aos partidos de oposição a intervenção constante e direta do imperialismo norte-americano na América Central, através da ajuda militar, e o Encontro dos Exércitos Americanos, organizando-se para atuarem contra os segmentos sociais que lutam pela participação popular, são reflexos inconfundíveis de que para os militares, o povo continua sendo um adversário para quem a verdade deve ser escamoteada e os mínimos direitos à vida digna representam subversão.

O Seminário cumpriu com seu objetivo. Lançou a discussão para a sociedade civil, abrindo espaços para que novos seminários aconteçam e assim possamos ler condições de estudarmos e avaliarmos com eficiência e maturidade os mecanismos que regem as questões militares.

Porém, temos que ir além. Precisamos continuar a luta pela organização popular eficiente, pela conscientização do papel fundamental que cada um tem na construção de uma nova estrutura social, fazendo com que a maioria dos setores sociais tornem-se participativos, privilegiando os valores e os procedimentos democráticos, exercitando seu direito de opinar, de votar, de participar efetivamente das decisões.

Tudo isto levará a um fortalecimento da sociedade civil, desarticulando as forças militares, redefinindo seu papel e sua atuação, enquanto que as forças políticas e sociais dizem definitivamente adeus às armas.

Tânia R. Zamberlam



Descobri a tempo...

No começo eu queria muito prestar o serviço militar, acho que foi por falta de informações. Eu sonhava em vestir aquela roupa que me distinguiria dos demais, especialmente aquela jaqueta verde da farda tão pomposa. Achava que seria uma aventura sem par... Mas no grupo, comecei a ver o outro lado: que não seria bem assim. Andei me informando com alguns colegas que já haviam servido. Uma experiência vinda por parte de um deles me tocou profundamente: Contou-me, um colega de serviço, que enquanto estava no quartel houve uma greve e eles foram enviados para reprimir os grevistas, querendo ou não. Na hora da repressão deu-lhe vontade de chorar, pois eles estavam a favor da greve, mas disseram-lhe que, se falasse no assunto dariam-lhe cadeia.

As informações recebidas do Grupo de Justiça e Não Violência mais as experiências vividas pelos meus amigos, fizeram com que eu decidisse a não prestar o serviço militar. Então fui alistar-me em Estância Velha (RS) onde eu tinha certeza que não seria obrigado a servir o exército.

Graças às informações, ganhei um ano a mais de vida e rejeitei uma escola de violência que é o quartel.

Clerio da Rosa - Grupo de Estância Velha (RS)

Serviço Civil Patriótico:

Você tem direito de optar por servir à paz

"A recusa de servir ao exército pode significar a tomada de consciência quanto à necessidade urgente de paz e de uma solução alternativa para os conflitos internacionais, com o objetivo de conscientizar que o que devem ser eliminados são as causas das guerras."

A secretaria nacional, em Brasília, tem trabalhado incansavelmente junto aos parlamentares do Congresso Nacional, para regulamentar a lei ordinária que regulará a prestação do Serviço Alternativo.

Mantivemos contato com muitos deputados e senadores, com a finalidade de discutirmos a proposta e avaliarmos as possibilidades que teríamos para aprová-la.

A maioria dos parlamentares com os quais conversamos, se mostraram favoráveis e dispostos a votar em favor da Objeção de Consciência. Porém, a direita coloca muitas restrições e sustenta a posição de que o Serviço Alternativo seja utilizado para aproveitar o excesso de contingente, contrariando nossos argumentos de que seja uma opção pessoal do jovem.

Através do projeto de lei ordinária que preparamos, garantimos que o Serviço Alternativo seja um serviço realmente prestado à sociedade civil, distante dos quartéis e de suas ideologias de morte. Também queremos garantir que o objetor de consciência tenha os mesmos direitos do recruta que presta o Serviço Militar.

Agora, estamos aguardando que o Congresso Nacional se organize e comece a trabalhar efetivamente para a regulamentação das leis. Este trabalho precisa ter início através da votação do regimento interno, que deveria ter acontecido até 15 de abril e que até hoje não teve aprovação. Além do regimento interno, precisam ser instaladas oficialmente, as comissões que atuarão durante este período de regulamentação de leis. Na Câmara dos Deputados elas estão trabalhando em caráter extra-oficial e no Senado ainda não foram instaladas pois, segundo os senadores, primeiro necessitam do regimento interno para depois começarem a atuar.

Desta forma o Congresso Nacional está praticamente parado, votando somente as matérias de urgência. Existem muitos interessados em que a si-

tuação continue assim. Há todo um entrave nos trabalhos, com a clara intenção de deixar tudo como está e, dependendo do desenvolvimento da campanha eleitoral para presidente da República, conforme forem as possibilidades de um ou de outro candidato, a negligência instaurada no Congresso continuará, jogando estas decisões para o próximo ano para que sejam discutidas e votadas de acordo com o presidente eleito, isto é, de acordo com o interesse da direita em mantê-lo ou não no poder. Assim, as leis que precisam ser regulamentadas continuam na gaveta e o povo brasileiro continua sofrendo as consequências de decretos arbitrários, impostos por um governo reacionário e ditatorial.

Apesar disto, continuamos a nossa luta, a nível do Congresso, tentando dar encaminhamento ao projeto. Mas, precisamos ir mais além. Precisamos continuar nossas discussões a nível de grupos, com as pessoas da sociedade civil, usando o Serviço Alternativo para auxiliar no fortalecimento da conscientização popular sobre os mecanismos e interesses que regem as questões militares no Brasil.

Precisamos trabalhar para que a objeção de consciência venha acompanhada da conscientização sobre a necessidade de uma doutrina pacifista em favor do desarmamento e da valorização da pessoa humana, da cooperação e da solidariedade entre as pessoas do próprio país e entre as todas as nações. Também precisamos esclarecer que a verdadeira segurança nacional só existe quando todo o povo tem pleno acesso à saúde, à alimentação, à educação, à moradia, enfim, às necessidades básicas para se ter vida digna.

Efetivando estas discussões, estaremos colaborando para o fortalecimento da sociedade civil, através da possibilidade da descoberta por parte de todas as pessoas de seu papel fundamental na construção de uma nova estrutura social, fazendo com que a maioria dos setores da sociedade civil, torne-se organizado e participativo, privilegiando os valores democráticos, exercitando seu direito de opinar, de decidir, de participar efetivamente da formação de novas relações sociais.

Tânia Regina Zamberlam

Nossa solidariedade ao Serpaj/Peru

Recebemos com pesar, a notícia do acidente em que faleceram o Pe. Neptali Licet e Amparo Escobedo, respectivamente coordenador e secretário de economia do Serpaj/Peru. Queremos manifestar nossa solidariedade neste triste momento histórico por qual passam os companheiros e companheiras desse Serpaj; lembremo-nos que nosso compromisso de transformação social deve continuar e fortalecer ainda mais. Se tivermos presente a perspectiva cristã, eles não estão mortos, mas sim ressuscitados no Senhor da Vida.

Publicamos aqui uma síntese de um artigo de Pe. Neptali sobre o Serpaj/Peru e a Não-Violência transformadora.

"Estimados irmãos, queremos compartilhar conosco nossa reflexão - o Serpaj/Peru tem sua origem na vida andina; por isso procura revalorizar e resgatar a cultura ancestral. Consideramos muito valiosa a posição não-violenta das comunidades campesinas no atual processo de libertação de nosso povo rumo a uma sociedade onde a paz seja fruto da justiça e do amor.

As comunidades andinas nos propõem uma nova organização social, econômica e novos valores culturais e religiosos. A vocação não-violenta das comunidades (...) exige que eliminemos o ódio e a violência irracional dentro deste sistema injusto. A não-violência é uma forma mais exigente, mais radical e mais criativa da defesa da vida e dos direitos dos

pobres e dos povos; é uma forma de luta contra uma ordem injusta guiada pelo amor que é capaz de transformar e revolucionar a história. As comunidades têm criado organizações e diferentes formas de autodefesa, firmando sua existência histórica frente as diferentes formas de agressividade impostas pelo sistema; é uma resistência e autodefesa baseada no espírito comunitário. Tem-se despojado os elementos alienantes, indianizando os padrões religiosos, criando diferentes formas de expulsar o invasor com o qual demonstravam que não estavam de acordo com o sistema imperante.

O homem que vive unido à tradição genuína da comunidade é um homem não violento. Na medida que se separa da comunidade como se pretende fazer com as leis do Estado, os grupos terroristas e anti-terroristas que produzem sofrimentos, morte e dor, a migração forçada se converte em caminho de violência.

As comunidades campesinas (...) são sinais de um anúncio de um futuro de paz, justiça e igualdade e de denúncia ante o esquecimento de marginalização que tem sofrido por causa do sistema dominante. Seus sofrimentos são sinais de esperança desse futuro que todos desejamos alcançar (...) Seu crescente dinamismo vital e espiritual estão arraigados qual tronco plantado à beira do rio com sua corrente histórica, libertadora que alimenta e desenvolve a vida". (Traduzido e elaborado por Marco Antonio).

SERPAJ - Núcleo Manaus - Informa

O grupo começou efetivamente em abril/88, e a partir de julho/88 passou a fazer parte, inclusive da nova estruturação da Entidade Nacional.

Hoje o grupo conta com mais de 10 membros, entre eles, já bem conhecidos, estão os companheiros Frazão, Mariene, Rose, Nonata, Elsinho e Rosário. O grupo tem como prioridade, em 1989, a luta pela Reforma Urbana. Para isso tem participado ativamente do processo de elaboração da Constituição Estadual da Amazônia junto com outras entidades. Além da questão da moradia, os militantes da "não-violência ativa" também atuam com a problemática da violência que sofrem os menores de rua. Um dos primeiros passos, foi incluir, na Constituição Estadual, os direitos dos menores.

Contudo, a militância "não-violenta" não tem sido uma tarefa fácil para os companheiros da Amazônia. A luta pela moradia, da qual participavam mais de 600 famílias apoladas pelo grupo do SERPAJ/Manaus, tem diminuído bastante devido à brutalidade praticada pela polícia militar auxiliados por cães amestrados e a polícia de choque, que acabou prendendo seis pessoas, inclusive membros de nosso grupo. Além das prisões, dezenas de pessoas foram atingidas pelos cacetetes da polícia, duas acabaram feridas e uma garota foi mordida por um dos cães policiais.

Vale salientar, que a Nova Constituição Federal garante a moradia, a Reforma Urbana e até a desapropriação por interesse social da propriedade urbana (art. 182 e 183) e apesar disso, o Juiz da 3ª Vara Civil, sem nenhuma sensibilidade com a necessidade social e o direito social da moradia dos humildes, despachou absurdamente a liminar do mandado de Reintegração de Posse contra aquelas famílias que corajosamente resistiram e continuam até hoje acampadas no local, rompendo assim, com a lei injusta e violenta do Estado.

No que tange a uma análise do ponto de vista da "não-violência ativa", podemos concluir que, tanto o Estado com suas leis quanto o juiz que as faz cumprir, são portos da estrutura que sustenta essa sociedade cheia de maldade e competição. Mas, felizmente, apesar disso, o povo vai, vai vencendo e a violência, pouco a pouco, será superada em todos os seus princípios.

Joaquim Frazão

1º de Maio: Não podemos esquecer essa data

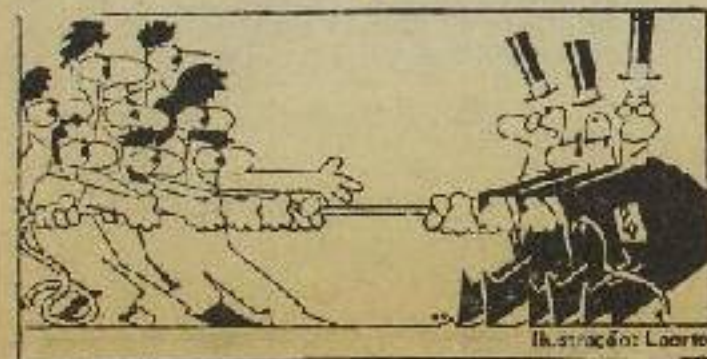


Ilustração: Lázaro

Celebrar o 1º de Maio é re-fazer a história de lutas da Classe Operária. De lutas, derrotas e mortes. Foi assim há 101 anos, em Chicago, quando vários trabalhadores foram assassinados ou enforcados, porque exigiam redução da jornada e melhores condições de trabalho.

E também uma história de conquistas significativas. Não apenas conquistas de melhorias de vida. Conquistas também de poder. Poder de organização, de decisão sobre a produção, onde as necessidades básicas do povo estão em primeiro lugar. Em vários países já se constrói um mundo diferente onde o ex-

plorador perde lugar, abrindo espaço para a Solidariedade e Igualdade e a Justiça.

No Brasil não tem sido diferente. Jamais poderemos esquecer o extermínio das nações indígenas, o assassinato de centenas de trabalhadores rurais as mortes dos bóias-frias, ou aquelas por acidentes de trabalho. Mas as lutas levam a conquistas: assim conseguimos a redução da jornada de trabalho o 13º salário, vários momentos de conquistas salariais importantes, a formação das Comissões de Fábricas e das Centrais Sindicais.

No entanto a burguesia exploradora, cada vez mais faminta de riqueza e poder, vem esmagando nossas lutas, roubando nossas conquistas. A cada avanço histórico dos trabalhadores, corresponde novas formas de repressão e opressão. E o poder das armas contra os que trabalham e produzem, favorecendo os que roubam, exploram e corrompem. O poder da comunicação social corrompe a mente de milhões vendendo sonhos, ilusões e pagando com o empobrecimento, miséria e a frustração.

A classe operária une-se cada vez mais. Juntos iremos construir uma Nova Estrutura Social.
Marco Antônio Gonçalves

"A guerra nasce na mente dos homens, e portanto é na mente dos homens que devem ser construídos os fundamentos da PAZ".
(Preâmbulo da UNESCO)

ASSINATURAS

Quero receber o Boletim do Serviço Nacional Justiça e Não Violência.

Nome:

Endereço:

Bairro: CEP:

Cidade: Estado:

País: Nº cheque ou vale postal:

Assinatura: Data:

() R\$ 1,50 - assinatura particular

() R\$ 2,00 - assinatura entidades

() US\$ 10,00 - assinatura exterior

() Assinatura Nova

() Renovação

() Permuta

Campanha de assinaturas:

Faça três assinaturas e ganhe uma de presente

Faça dez assinaturas e ganhe uma camiseta do Serpaj/Brasil

A assinatura do Boletim equivale a um ano. Para assinar, basta enviar o cupom acima devidamente preenchido e o pagamento correspondente para: Boletim Justiça e Não-Violência

Rua dos Farnos, 40

Bairro Guarani

95.080 - Caxias do Sul - RS

Um dia o operário viu
que ele construía as casas,
mas não tinha onde morar.

Ele construía as escolas, no entanto
nunca viu um filho se formar.

Ele construía os hospitais
e neles não podia entrar.

Ele fazia os remédios,
mas não podia comprá-los.

A mesa, os móveis e até o feijão
tudo era feito pela sua mão.

Então, a cidade, a nação,
tudo era ele quem fazia.

Até o carro do patrão e
o colchão que ele dormia
era ele quem fazia.

Viu o operário que ele construía jardins,
construía atoures, construía túmulos.

Mas, quando morreu, não tinha flores
e era enterrado no chão.

O operário viu que tudo tinha
a marca da sua mão.

E vendo tudo isso
o operário começou a dizer NÃO.
Combater o sistema de exploração.

O operário, então, sofreu
a sua primeira agressão.

Teve seu rosto cuspidor,
teve seu braço quebrado.

Foi preso, surrado, mas quando
perguntado, o operário disse NÃO.

Não dando certo a agressão,
tentou o patrão mudar a situação,
usando a corrupção.

Oferecendo ao operário riquezas,
muitos e o lazer.

Mas o operário também disse NÃO.

— Loucura! Gritou o patrão!

Não vê o que te dou eu?

— Mentira! disse o operário.

Não podes dar-me o que é meu.

É por isso eu digo NÃO!

VINÍCIUS DE MORAES